

COTOCO

JOHN VAN DE RUIT

Cotoco

TRADUÇÃO DE MARCELO MENDES



© John van de Ruit, 2005
Publicado originalmente na África do Sul por
Penguin Books (SA) (Pty) Ltda. em 2005.

TÍTULO ORIGINAL
Spud

CAPA
African Icons

IMAGEM DE CAPA
GreatStock/CORBIS-Farrell Grehan

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro

REVISÃO
Maria de Fátima Maciel
Antônio dos Prazeres
Joana Milli

DIAGRAMAÇÃO
Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
V315c

Van de Ruit, John
Cotoco / John van de Ruit ; tradução Marcelo
Mendes. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2010.

392p.
Tradução de: Spud
ISBN 978-85-98078-85-4

1. Apartheid – África do Sul – Ficção. 2. Internatos –
Ficção. 3. Família – África do Sul – Ficção. 4. Ficção
sul-africana (Inglês). I. Mendes, Marcelo. II. Título.

10-1617. CDD: 028.5
CDU: 087.5

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua dos Oitis, 50
22451-050 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

À minha família, que me ensinou a rir.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da jornada de três anos, que se passaram desde os primeiros rabiscos até a conclusão deste livro, diversas pessoas guiaram direta e indiretamente as minhas viagens e as de Cotoco.

Uma estrondosa salva de palmas à maravilhosa equipe da Penguin Books, pela fé, pela generosidade e pelo absoluto profissionalismo, especialmente a Alison Lowry, a Jeremy Borraine e a minha editora, Jane Ranger. Agradeço também a Hayley Scott e a Claire Heckrath; ao amigo, agente literário e guru para assuntos de teatro Roy Sargeant, pelos valiosos conselhos e por acreditar em mim; a Tamar Meskin, pela inestimável contribuição editorial nos rascunhos iniciais, sem quem este livro jamais teria sido escrito, e, naturalmente, a Dave, Roz, Cathy e Ash, meus alicerces.

Obrigado também a Sue Clarence, Julia Clarence, Anthony Stonier, Murray McGibbon, Ben Voss, DMR Lewis, Rich (Fuse) Mylrea, Janet Stent, Guy Emberton e Vampy Taylor.

John van de Ruit

DRAMATIS PERSONAE

Família	Mamãe Papai Wombat
Os Oito Loucos	John Milton (Cotoco) Robert Black (Rambo) Charlie Hooper (Cachorro Doido) Simon Brown Vern Blackadder (Rain Man) Henry Barker (Lagartixa) Sidney Smitherson-Scott (Barril) Al Greenstein (Esponja)
As meninas	Sereia Amanda Christine
Os monitores	P. J. Luthuli (monitor-chefe) Julian Bert Grant Edwards (Minhoca) Gavin, o monitor esquisito que mora debaixo da escada
Os professores	Diretor — sr. Glockensheel (Marimba) Inspetor-chefe — sr. Wilson (Costelinha) Inglês — sr. Edly (Guv) História — sr. Crispo Teatro — sra. Wilson (Eva) Diretor da peça — sr. Richardson (Viking)
Os professores de educação física	Técnicos das equipes sub-14D e E de rúgbi — sr. Lilly e sra. Bispo (mulher do Reverendo Bispo)

Quando medito em minha luz perdida,
Nesta tão vasta e mais sombria terra,
E que esse dom que só a Morte cerra
Inútil mora em mim, embora a vida

N'alma me seja ao Criador rendida
E a mais prestar-lhe a conta que não erra,
A quem, negada a luz, a treva encerra,
Calcula Deus a quotidiana lida?

*Sobre a sua cegueira**
John Milton

*Tradução de Jorge de Sena, em *Poesia de 26 séculos*, 1^a vol., Porto, Editorial Inova Limitada, 1971.
(N. do E.)

1990

Segunda-feira, 17 de janeiro

4h30 Estou acordado. Os primeiros raios de luz começam a aparecer pelas frestas laterais das cortinas antigas do meu quarto. Acho que estou passando mal. O lençol debaixo das minhas pernas está grudento, e no peito meu coração retumba feito um bongô. Ainda não consigo me levantar.

4h48 Ao que parece, os cachorros dos vizinhos são os únicos seres acordados também, pois estão latindo feito doidos para o sol nascente.

4h50 Papai acordou. Acabei de ouvir um grito vindo da janela do quarto dele. Os cachorros agora latem ainda mais alto. Papai atravessa o corredor pisando forte, resmungando consigo mesmo. (Ele detesta nossos vizinhos porque eles parecem não se incomodar com os latidos de seus cachorros durante toda a noite. Está sempre ameaçando processá-los ou partir para a ignorância.)

5h A vizinhança inteira acorda assim que papai dispara a máquina infravermelha supersônica de borrifar inseticida nas roseiras, que faz um ruído parecido com o de uma lancha atropelando um banco de areia na velocidade máxima. A máquina é tão poderosa que arrancou do solo a roseira da Wombat (minha avó) na primeira vez que foi testada. Papai, usando apenas o short do pijama das Feras do Críquete (meu presente de Natal para ele) e uma máscara para se proteger dos produtos químicos tóxicos que agora está lançando na atmosfera, aponta o borrifador de inseticida para o quintal dos vizinhos e começa a dançar feito um maluco no gramado, bem em frente à janela do meu quarto. Ir para o internato talvez não seja uma ideia tão ruim no fim das contas.

5h01 Pela janela vejo mamãe invadir o jardim usando sua camisola cor de maracujá e berrar alguma coisa no ouvido do papai, que interrompe a dança maluca, desliga o borrifador de rosas supersônico e a segue até dentro de casa. Pelo visto, foram os cachorros que deram a última palavra, ou latida.

5h30 Papai ficou exausto depois de seu surto matinal. Posso ouvi-lo roncar alto enquanto mamãe xinga os policiais que estão no portão. A visão de mamãe em sua camisola cor de maracujá deve tê-los assustado, porque eles encerraram a discussão com um sincero pedido de desculpas e partiram apressados rumo à segurança do camburão.

6h Chegou a hora. Levanto da cama. Perto da porta estão meu enorme baú de metal do exército, o saco de críquete e meu leal e guerreiro edredom. O uniforme está pendurado num velho cabide de arame. Eu me esforço para alcançar o paletó, que parece quente e pesado.

8h Corajosamente tento engolir um bocado dos ovos mexidos (as cascas, inclusive) meio esverdeados. Eu teria jogado tudo pela janela caso mamãe não estivesse me vigiando feito uma águia, dizendo que eu preciso comer alguma coisa antes de sair para o internato. Mamãe é famosa pelas comidas horríveis que costuma preparar. Papai não quer tomar o café da manhã: ainda está se recuperando do piriri depois do porco assado de ontem à noite (acho que era porco assado). Quanto a mim, estou nervoso demais para comer e dou um jeito de raspar o prato no guardanapo de papel e enfiar o embrulho no bolso para depois despejar tudo na privada.

8h30 Papai deu um jeito nas costas quando foi tentar colocar meu baú na mala do carro. Levou as mãos às costas como se tivesse sido apunhalado bem ali, desabou na grama e ficou se contorcendo de dor. Com a ajuda da Innocence, nossa fiel empregada, arrasto e espremo o baú no banco de trás. Mamãe lança um olhar de rabo de olho quando Innocence planta um grande beijo de despedida nos meus lábios (mamãe acha que ela administra um bordel clandestino sob o mogno do nosso jardim).

8h36 Papai recebeu ordens para trocar de roupa, pois tudo indica que rolou sobre algo fedorento durante sua dramática contorção na grama.

Já estamos atrasados. Mamãe bate os dedos no relógio e me fulmina com o olhar, como se eu fosse culpado. De repente fico mais aterrorizado do que agitado e começo a achar que o melhor mesmo seria esquecer toda aquela história de internato e voltar para a cama.

8h42 Tudo pronto. Mamãe em sua bata vermelha, papai num terno de tweed com gravata-borboleta, e eu de uniforme novo: paletó azul, calças pretas, gravata vermelha e camisa branca (que na loja parecia grande demais, mas agora está me enforcando). Papai mete a mão na buzina enquanto dá marcha à ré na nossa perua Renault 1973, e os cachorros dos vizinhos respondem à altura com latidos ferozes. Ele joga a cabeça para trás, dá uma risada de louco e sai cantando pneus. Agora não tem mais volta.

11h Um guarda africano nos cumprimenta com uma continência e em seguida abre os gigantescos portões brancos da escola. Entramos e seguimos pela Pilgrim's Walk, uma avenida ladeada de árvores, muito bonita, que conduz aos enormes prédios do campus, todos de tijolos vermelhos completamente cobertos de musgos e heras verdes. Papai está tão entretido mostrando à mamãe um casal de cachorros cruzando que passa direto sobre o quebra-molas, quase destruindo o chassi da perua. Seguimos aos solavancos até a escola e estacionamos entre um Rolls-Royce e um Mercedes-Benz. Para anunciar sua esplêndida chegada, nosso calhambeque enferrujado vomita alguns litros de óleo nos antiquíssimos paralelepípedos do pavimento.

Somos recebidos por dois garotos mais velhos, de gravatas vermelhas iguazinhas à minha. Eles se apresentam como Julian e Bert. Julian é bem magrinho, de olhos azuis e cabelos ondulados; não parece tímido: tem um andar saltitante e um ar alegre. Já o Bert... esse é enorme, grande mesmo (parece tão velho quanto o papai); tem os dentes tortos, um olhar vazio e uma gargalhada ruidosa. Julian explica que eles são monitores no prédio em que vou ficar.

Enquanto eles carregam meu enorme baú, atravessando um arco gigantesco e entrando num quadrado de grama perfeitamente aparada, mamãe desfia uma longa lista de meus incríveis talentos. (Bolsista, astro do críquete, representante de turma no ensino fundamental...) Quando ela menciona minha linda voz de soprano, Julian lambe os beiços e diz que tem uma especial consideração pelos coralistas. Bert solta uma de suas risadas esquisitas e dá uma cotovelada nas costelas de Julian, que deixa o baú cair no pé esquerdo do papai. Com um gemido agudo engraçado, papai assegura a todos que ele é “duro feito madeira” e diz “estar ótimo”. Faço o que posso para passar despercebido, mas tenho a sensação de que as pessoas nos olham como se o circo tivesse acabado de chegar à cidade.

O gramado principal é cercado de prédios que lembram aqueles castelos medievais que a gente vê nos antigos livros de história do ensino fundamental. Seguimos na direção de um desses prédios, aparentemente mais antigo que os outros: o vermelho dos tijolos já desbotara para uma espécie de alaranjado, e a hera e os musgos estão tão crescidos que parecem uma cerca viva. Guiados pelos monitores, subimos por uma escadaria estreita, atravessamos um dormitório comprido, com umas quinze camas vazias, e chegamos a um segundo dormitório, escuro e sinistro, com vigas de madeira muito baixas e paredes de tijolo escuro. O lugar é apertado, mal cabem oito camas. É de dar medo, e o cheiro é uma mistura de chulé com cera de chão. Uma dessas oito camas é a minha.

Divisórias de madeira, de mais ou menos um metro e meio de altura, separam o dormitório em quatro cubículos. Cada cubículo abriga duas camas de madeira, dois criados-mudos, dois armários, dois baús, colchão, travesseiro e cobertor. Embaixo de cada cama, há duas gavetas com puxadores dourados que lembram aquelas argolas de bater na porta. Alguns novatos, usando também as tais gravatas vermelhas iguais à minha, guardavam suas roupas sob o olhar atento das respectivas mães.

Chegamos a um cubículo cujo armário tinha meu nome pendurado à porta. Na cama ao lado estava escrito Blackadder. Pelo menos eu tinha uma janela.

Papai, ainda mancando, e mamãe, ainda ofegando por causa da escada, começam uma enorme discussão sobre qual das gavetas deverá alojar mi-

nhas meias, e qual, as cuecas. Todos os outros pais param o que estão fazendo para assistir. Ajoelhado no chão, finjo que estou guardando alguma coisa no baú.

Voltando pela mesma escadaria, passamos pelo ser humano mais branco que eu já vi em toda a vida. Na penumbra, a brancura dele parece reluzir de um modo estranho. Ele também está de gravata vermelha e observa atentamente o chão enquanto passo por ele.

Depois de mais uma briga entre meus pais diante de umas vinte pessoas à porta do prédio, seguimos para o Auditório Principal, onde somos recebidos por diversos VIPs, entre eles um representante do governo local, o porta-voz da escola, Marshall Martin, e nosso diretor, um sujeito ligeiramente assustador chamado Marimba. De início achei que o nome do homem fosse uma piada, mas a julgar pela expressão no rosto dele, não havia piada alguma. O tal Marimba sempre se refere à escola como “instituição” e aos alunos como “elementos”. Além disso, volta e meia fala sobre disciplina e punição severa para os elementos que se comportarem mal. Papai, que não para de sacudir a cabeça em sinal de total concordância, de repente deixa escapar um embaraçosamente sonoro “Bravo!”. Isso faz com que haja um momento de hesitação enquanto as quatrocentas pessoas do auditório se viram em nossa direção. Mais vermelho que um pimentão, tento arrumar um jeito de sumir na poltrona. O capelão da escola, que atende pelo nome de Reverendo Bispo (sinal de um futuro brilhante?), faz um discurso sobre a disseminação do cristianismo nas escolas e a necessidade de se manter a mente e o coração abertos. Papai e mamãe acham que o Reverendo Bispo ou é gay ou é comunista; talvez as duas coisas ao mesmo tempo.

13h Ainda mais constrangimento no almoço organizado no gramado em frente à biblioteca. Papai, depois de sete doses de gim-tônica, solta um estrondoso espirro e pega a bolsa de mamãe em busca de um lenço de papel. Mas, quando abre o zíper, três enroladinhos de salsicha, dois pepinos em conserva, uma série de salsichas pequenas e alguns sanduíches de ovo despençam direto na grama, bem à vista do nosso diretor, que tosse educadamente e finge que não está vendo nada. Quanto a mim, vou me

aproximando de outro casal, procurando deixar bem claro que eles, sim, são meus verdadeiros pais.

15h Enfim meus pais vão embora, papai agora no banco do carona e mamãe espremida ao volante, um pedaço da bata vermelha preso na porta. Depois de uns 150 metros de empurrões, o motor finalmente pega. Eles desaparecem numa curva da Pilgrim's Walk. E eu fico ali, parado sobre os paralelepípedos, encarando a avenida. Depois olho a meu redor, para os prédios enormes e árvores muito altas que parecem me cercar. Nunca me senti tão pequeno em toda a minha vida.

18h Julian conduz os oito novatos da nossa ala até a sala comunitária do andar de baixo (carpete roído pelas traças, alguns sofás vermelhos bem surrados, aparelho de TV, quadro de avisos). Lá está um garoto chamado Sidney, que deve pesar mais de 150 quilos, além do brancão reluzente que eu já tinha visto na escada (o cara parece que está à beira da morte; aliás, acho que há cadáveres com aspecto mais saudável que o dele). Graças ao brancão, não sou o menor da ala. O nome do reluzente é Henry Barker. O chefe da nossa ala é P. J. Luthuli, um garoto negro incrivelmente sério que se veste de modo impecável. Ele nos passa algumas informações importantes sobre a escola, coisas como “Não pode correr no pátio”, ou “Não pode pisar na grama”. Depois manda a gente se preparar para dormir. Acho que é a primeira vez que recebo instruções de uma pessoa negra.

21h Luzes apagadas. Minha primeira noite longe de casa. Um garoto falante e grandalhão, de olhos e cabelos muito escuros, parece ter se autoproclamado o rei do dormitório. Ele se chama Robert Black. De cada dez palavras que fala, mais da metade é palavrão, para deixar bem claro que não está de brincadeira e que espera o respeito e a adoração de todo mundo, como se fosse algum herói.

Meu companheiro de cubículo é um esquisitão chamado Vern Blackadder, que parece ligeiramente retardado. Tem o péssimo hábito de arrancar tufo enormes dos próprios cabelos.

Deitado na cama, fico escutando os ruídos do dormitório: roncos e resmungos diversos, o barulho esquisito de Vern se descabelando, o interminável burburinho do Pedro Mijão (uma estátua de cimento de São Pedro, orgulhosamente erguida no lago de peixes do quadrado e de cuja ponta da espada jorra água continuamente).

Terça-feira, 18 de janeiro

6h15 Fui acordado por uma terrível sirene. Pulei da cama e, antes que pudesse me conter, berrei “Manhêêê!”. Graças a Deus ninguém ouviu. Entrei na longa fila de garotos que seguiam aos tropeços para os chuveiros. Quando cheguei ao sopé da escada, uma porta se abriu, revelando um quartinho minúsculo e esfumaçado, cheio de velas. Um garoto de aspecto bem estranho cambaleou para fora, peladão, com uma toalha enrolada na cabeça e o bilau apontando para o teto. Al Greenstein, um menino de rosto espinhento, disse que o tal garoto era Gavin, um monitor meio esquisito que mora debaixo da escada.

O pântano (nosso banheiro) consiste em dez chuveiros, chão de concreto, seis pias e quatro cabines com privadas. O piso é grudento, e o cheiro, de embrulhar o estômago. Julian e Bert, os dois monitores de plantão, ficaram vigiando nosso banho, e Julian fez comentários sobre o bilau de todo mundo. O meu foi descrito assim: “Um casulo de bicho-da-seda nanico e anoréxico.” Fiquei chocado ao perceber que todos os meninos já tinham pelos, menos eu. Até o brancão reluzente tinha alguns fiapos pretos na região da virilha. Bert berrou algo que pareceu “Tempo escrotado!”, o que significava que nosso tempo de banho tinha acabado, e eu saí correndo do chuveiro, com as costas ainda cheias de sabão.

Robert Black tinha o maior bilau de todos. Quando ouviu o “tempo escrotado” do Julian, nem deu confiança, e o Julian precisou berrar de novo: “Cai fora, charutão!”, para deleite do Bert, que começou a cantar uma música engraçada. Todo mundo se escafedeu na mesma hora.

6h30 Chamada. (Todos os dias começam com uma chamada, para ver se ninguém fugiu ou morreu durante a noite.)

Quase não cheguei a tempo, pois um garoto mais velho tinha dito que a chamada seria feita na sala comunitária e que eu deveria ir para lá imediatamente. Encontrei a sala completamente vazia. Burro que sou, sentei numa das poltronas vermelhas, achando que tinha sido o primeiro a chegar, quando na verdade a chamada estava sendo feita do lado de fora do prédio, no quadrado. Por sorte ouvi dois garotos correndo escadaria abaixo, apavorados, e segui atrás deles até encontrar a fila da nossa turma. Ao que parece, quando nosso nome é chamado, a gente tem de berrar “Demente!” em resposta (ninguém sabe explicar por quê). P. J. Luthuli chamava um nome e depois encarava o dono, antes de chamar o seguinte. Esperei aflito até que ouvi: “John... Milton?”

“Demente...”, miei. E todo mundo riu.

Luthuli tem a língua ligeiramente presa e passou um aperto danado quando teve de pronunciar o nome de um gordão chamado Sidney Smitherson-Scott. Depois de algumas tentativas fracassadas, encarou o garoto e arrumou um apelido para ele na mesma hora: Barril. (Quase todo mundo tem um apelido nesta escola. Não sei direito quem inventa esses apelidos, nem se já me deram um também.) A chamada passou para a turma dos mais velhos, e eu comecei a ficar nervoso com a ideia de ter de achar o refeitório outra vez.

Simon Brown, um louro alto com aparelho nos dentes, contou uma história nojenta sobre um abatedouro enquanto a gente comia os ovos e as salsichas do café da manhã. O brancão reluzente (que se chamava Henry, mas já havia sido apelidado de Lagartixa) ficou verde, saiu correndo e vomitou em um canteiro de flores. A galera da nossa mesa quase explodiu de tanto rir, e um professor com uma cara deprimida sentado na cabeceira nos lançou um olhar duro.

Bert, Julian, Luthuli e Gavin (o monitor esquisito que mora debaixo da escada) passaram o dia mostrando a escola para a gente e explicando o significado de cada coisa. O programa educacional se divide em Primeiro Ano, Segundo Ano, Terceiro Ano, Pré-universitário 1 e Pré-universitário 2. Os alunos do Pré-universitário só estudam as matérias de que precisam para entrar

na universidade e praticam esportes. A escola tem sete alas de dormitório. Cada ala tem quatro monitores e um monitor-chefe. O porta-voz da escola é sempre um aluno do Pré-universitário 2, que passa a maior parte do tempo fazendo discursos, conversando com ex-alunos e pais de alunos, e levantando dinheiro para reforçar os cofres escolares.

Ao que parece, cada sala tem um codinome, e todos os gramados são quadrados e idênticos (só para confundir os novatos, aposto). Nosso quadro de horários parece que foi escrito com hieróglifos; tive de pedir a Julian que escrevesse minhas aulas numa folha separada. Minha primeira aula é de inglês, e começa amanhã, às 6h40.

17h Todos os alunos da nossa ala se reuniram na sala comunitária. Mais ou menos cinquenta garotos encaravam o inspetor da ala, o caricato sr. Wilson, que mais parece um duende. Ele tem os olhos enormes e esbugalhados, um dos quais é estrábico, e parece que algo ou alguém arrancou um bom pedaço do ombro dele. Fala com voz rouca, espremendo as palavras entre os dentes encardidos. Apesar de franzino, mete um medo danado na gente. Com um rodopio da bengala, ele anunciou os sete mandamentos da ala:

1. Não desobedecerás às autoridades.
2. Não te comportarás de modo depravado.
3. Não atormentarás meu gato. (Um siamês chamado Roger, pelo que me disseram.)
4. Não desperdiçarás papel higiênico.
5. Não brincarás contigo mesmo (nem com os outros) depois que as luzes se apagarem.
6. Não nadarás à noite.
7. Não jogarás dardos. (O que é estranho, já que não há nenhum alvo para dardos por aqui.)

Robert Black, que se autoapelidou Rambo, nos contou, depois que as luzes se apagaram, que o apelido do sr. Wilson é Costelinha e que um leão selvagem do Parque Nacional de Kruger tinha arrancado metade do ombro dele na

juventude. Os médicos, então, tiraram uma das costelas para consertar o ombro. Todo mundo ficou impressionado com a história.

Vern, meu vizinho de cubículo, adquiriu o terrível hábito de ir ao banheiro a cada meia hora para fazer xixi e beber água. Isso não seria um problema se o despertador dele não tocasse a cada vez.

Um tribunal de cinco pessoas — o Barril, o Simon, o Rambo, o Al “Esponja” Greenstein e eu — julgou o Vern culpado de comportamento estranho e confiscou seu despertador. O Esponja (um sujeito ensebado, dentuço e que sofre de um caso sério de acne) também limitou o Vern a três visitas noturnas ao banheiro. Vern preferiu não se defender, e entregou o despertador.

Não consigo dormir. Estou com saudades de casa, até das gororobas da mamãe! Tenho a impressão de que tem um pedaço de chumbo na minha barriga. Minha nova casa é como uma zona de guerra, e embora eu fique aliviado por haver no nosso dormitório duas vítimas mais vulneráveis que eu (o Lagartixa e o Vern), tenho a preocupante sensação de que a minha hora ainda vai chegar. Cada vez que a sirene toca, fico apavorado: ao contrário de todo mundo, nunca sei o que vai acontecer em seguida. Passo quase o tempo inteiro procurando e seguindo rostos conhecidos na escola, na esperança de que eles estejam mais bem-informados do que eu. Fico pensando o que será que meus pais fariam caso eu abrisse mão da minha bolsa de estudos e voltasse para casa. Amanhã começam as aulas. Talvez eu morra durante o sono e não precise comparecer.

Sonhei que havia leões tentando arrancar meu ombro.

Quarta-feira, 19 de janeiro

5h50 Vern fez xixi na cama durante a noite. Sua tentativa desesperada de trocar os lençóis antes da sirene de despertar foi frustrada por Charlie Hooper (mais conhecido como Cachorro Doido), que voltava, estilingue em punho, de uma caçada a morcegos na madrugada. O cara não fica muito tempo no dormitório; parece que está sempre caçando. O Cachorro Doido roubou o lençol

manchado de xixi e pendurou nas vigas do teto, fora do alcance do Vern, antes do toque da sirene.

Quando o Lagartixa voltou da sala do telefone, o rosto encharcado de lágrimas depois de falar com a mãe, viu o lençol sujo pendurado em cima da cama e saiu correndo para o banheiro, tapando a boca com uma das mãos. O Cachorro Doido e o Rambo trocaram um gesto de “toca aqui” e uma risadinha.

6h30 Chamada. Bert chamou Vern de Vern Bexiga Solta, e a chamada virou uma bagunça só. Mas a confusão foi interrompida por um berro estridente do Costelinha, que parecia prestes a massacrar alguém.

6h40 Nossa primeira aula foi de inglês, com um professor muito bacana chamado sr. Edly (ou “Guv”, apelido que recebeu ainda garoto, quando era aluno na nossa escola). Ele tem um sotaque britânico bem legal, e anda com a ajuda de uma bengala, sempre xingando alguém ou alguma coisa como um louco. As pernas compridas e os olhos esbugalhados lhe dão o aspecto de um louva-a-deus gigante. Durante a aula ele deu umas broncas bem espetaculares (não haviam se passado nem cinco minutos quando ameaçou furar a testa do Esponja com um tiro de espingarda). Mas o ponto alto foi quando jogou uma pilha de livros de Henry James janela afora e chamou o autor de “bicha enjoada”. Todo mundo aplaudiu. Ele agradeceu com uma mesura e falou para a gente se mandar.

Gostei do Guv — e, por incrível que pareça, acho que ele gostou de mim também. Pediu que eu esperasse um pouquinho depois da aula e, olhando por cima dos óculos (daqueles bem caretas, de aro de tartaruga), me examinou da cabeça aos pés.

“Então, Milton”, disse, “bem-vindo ao paraíso perdido”. Deu uma sonora gargalhada e falou que um xará do maior escritor de todos os tempos decerto tinha literatura no sangue. Depois me presenteou com uma peça de teatro chamada *Esperando Godot*, escrita por um irlandês chamado Samuel Beckett. Empurrou o livro com a ponta do dedo e disse: “Nada acontece na história, meu caro Johnny, mas é muito divertida. Agora dê o fora e vá tomar seu café.”

Não pude deixar de sorrir, pois foi a primeira vez que alguém me chamou pelo nome desde que cheguei aqui. (Todo mundo me chama de Cotoco, porque meu bilau ainda é bem pequeno e meus testículos ainda não se desenvolveram.) Depois vou pesquisar sobre John Milton, o escritor meu xará, e esse livro dele, o *Paraíso perdido*.

8h30 O Cachorro Doido falou que estávamos na mesma turma de matemática. Fui andando atrás dele por uma série de corredores até que chegamos à nossa sala. O professor era um cara que parecia legal, chamado sr. Rogers. Mas logo descobri que estava no lugar errado: aquela era a turma das aulas de reforço. O Cachorro Doido enfiou a cabeça na mochila e riu baixinho, enquanto eu arrumava minhas coisas, pedia licença e saía, apavorado, procurando pela sala certa. Os prédios e os jardins desta escola são tão parecidos que é muito fácil se perder. E é claro que eu me perdi.

Dez minutos se passaram no meu velho relógio Remex. Eu sentia um grande nó na garganta, já estava quase chorando. Queria voltar para casa. Minha vontade era sair correndo dali e continuar correndo até me ver diante do portão enferrujado e da enorme acácia do nosso jardim. De repente, lá estava o P. J. Luthuli, marchando ao longo do corredor, com ares de autoridade. Meio soluçando e meio ofegando, perguntei-lhe o caminho para minha sala. Ele deu um tapinha no meu ombro e se ofereceu para me acompanhar até a aula de matemática.

Ao entrar na sala, deparei com o mais tenebroso silêncio. Olhei para a figura de beca diante do quadro-negro e logo reconheci quem era: o professor de cara amarrada e ar infeliz do café da manhã de ontem. Ele arreganhou um sorriso malvado e depois, bem devagarzinho, com uma voz fria, disse: “Milton, você está atrasado. Compareça ao banheiro dos professores depois do almoço.” E, com um floreio da beca, voltou à explicação de álgebra que estava dando antes. Esse é o sr. Sykes, também conhecido como o Sykopata.

16h20 Depois de passar a tarde inteira limpando o banheiro dos professores com uma escova e uma cueca velha (com o nome Brett Ballbag escrito

a caneta), voltei para nossa ala, que estava absolutamente deserta. Quase tive um treco: o que será que perdi dessa vez? Então vi a mensagem no quadro de avisos:

Rúgbi recreativo às 16h no Trafalgar!

Onde diabos ficava Trafalgar?

Por fim consegui chegar ao campo de rúgbi depois de me perder outra vez e ir parar na oficina da escola. Um mecânico mal-encarado, com um macacão azul, me indicou o caminho.

O campo é cercado de plátanos enormes e tem um delicioso cheirinho de grama recém-cortada. E nele estava rolando o maior jogo de rúgbi de toda a história, no mínimo uns cinquenta jogadores de cada lado. Juntei-me a um dos times sem que ninguém percebesse. O único rosto conhecido que vi por perto foi o do Lagartixa, que tentava desesperadamente ficar fora da confusão, fugindo da bola o mais rápido que permitiam os palitos que ele tem no lugar das pernas.

Depois do que pareceu uma eternidade, a bola foi arremessada para o nosso lado do campo e, por obra de um estranho milagre (bota estranho nisso!), foi parar bem nas mãos do Lagartixa. Na mesma hora ele traçou uma reta, talvez nem se desse conta de que estava com a bola, e passou voando entre dois caras do terceiro ano. O circo logo se armou quando uns vinte garotos partiram para cima do apavorado Lagartixa, que ia correndo em zigue-zague na direção da piscina. Foi o Cachorro Doido quem por fim conseguiu derrubá-lo, pulando sobre o coitado já fora do campo, a poucos metros da casa de bombas. O Lagartixa caiu no chão com um baque surdo e começou imediatamente a se contorcer sobre o concreto e a uivar de dor. O Bert o ajudou a ficar de pé, e só então vimos o braço esquerdo dele, mole e dependurado, formando um ângulo reto no cotovelo. Bert levantou-o e disparou para a enfermaria.

18h O Lagartixa quebrou o braço esquerdo. O Cachorro Doido voltou para o dormitório depois de uma série de “reuniões” com o Costelinha. Pa-

recia meio deprimido. Amanhã de manhã ele vai ter de falar com o diretor da escola, o Marimba. Acha que vai ser expulso. Segundo o Esponja, o Cachorro Doido está prestes a bater o recorde de expulsão mais rápida de todos os tempos: depois de apenas três dias de aula.

Não consegui dormir por causa dos lamentos e gemidos do Cachorro Doido.

Quinta-feira, 20 de janeiro

8h O Cachorro Doido ainda está entre nós. O Marimba deu uma bronca terrível nele e mandou que ele escrevesse uma carta de desculpas para os pais do Lagartixa.

8h45 Tivemos nossa primeira aula de história com o sr. Crispo. Ele é muito, muito velhinho. Simon calcula que ele deve ter uns 90 anos. O sr. Crispo nos contou que combateu na África do Norte durante a Segunda Guerra Mundial e resolveu passar um vídeo bem antigo sobre a batalha de Dunquerque, muito embora o assunto deste semestre seja a Guerra Anglo-Zulu de 1878 a 1879. Lá pela metade do vídeo, ele assoou o nariz fazendo um barulho como se fosse a buzina de um navio e depois balançou a cabeça, resmungando alguma coisa para si mesmo. Terminado o vídeo, desligou a televisão e deixou que a gente saísse cinco minutos mais cedo. De onde eu estava pude ver que os olhos dele estavam cheios de lágrimas.

14h30 Eliminatórias de críquete. Embora eu tivesse sido o melhor jogador de críquete da minha outra escola (o que não chega a ser nenhum mérito, já que havia muito mais meninas que meninos lá), fiquei muito nervoso com esse meu primeiro contato com o críquete no ensino médio. O técnico da equipe sub-14 é o Guv (para meu grande alívio). Ele andava de um lado para o outro com seu cachimbo e um banquinho dobrável, fazendo comentários malucos como “Greenstein, essa sua barreira está tão furada quanto as calçolas de uma prostituta!”. Simon é um excelente joga-

dor e rebateu meu primeiro arremesso, mandando a bola lá para longe, por cima das redes até o campo vizinho. Para meu desespero, constatei que a bola tinha ido parar bem no meio do treino da equipe principal da escola. Todos os deuses do críquete pararam para me olhar enquanto eu recolhia a bola. Consegui apenas grunhir uma desculpa qualquer e voltei correndo para o nosso campo.

O Cachorro Doido é um excelente arremessador (rápido e inteligente). Quase matou o Vern de susto com um inesperado arremesso de ricochete. Já o Rambo parte para o arremesso cheio de marra, parecendo um touro brabo, mas é lento na hora de lançar a bola. Teve uma hora em que o Guv mandou ele tirar a geladeira de cima das costas, e todo mundo caiu na gargalhada. O Rambo me fulminou com o olhar, e imediatamente fiquei sério (esta escola está me transformando num covarde). Terminado o treino, o Guv disse que a gente era o pior time de críquete que ele já tinha visto em toda a vida. Nosso primeiro jogo vai ser neste fim de semana, e a escalação dos times será anunciada na sexta-feira. Até lá, dedos cruzados.

18h30 Nossas noturnas (as duas horas que toda noite a gente tira para fazer os deveres) foram interrompidas por um peido do Barril, que fez todo mundo sair da sala. O Barril ficou lá, jurando que a culpa não era dele, mas sim da carne do estrogonofê que estava estragada. O Bert ficou tão pálido que mandou o Barril calar a bocal e, depois, usando um apagador, começou a bater com força nos dedos do garoto. Esse tipo de tortura é chamado de “soca-dedo”.

O Cachorro Doido pediu que eu desse uma olhada no primeiro rascunho da carta de desculpas para os pais do Lagartixa. Só porque ganhei uma bolsa de estudos, ele acha que sou a pessoa certa para revisar o trabalho dele. Era isto que estava escrito no papel:

Prezado sr. e prezada sra. Lagarticha,

Cinto muito com o que aconteceu com seu filho Lagarticha. Foi cem querer que quebrei o braço dele durante o jôgo. Não tenho culpa se o filho

de vocês é um fracote magricela, mais pesso desculpas por ter quebrado o canisso que ele tem no lugar do braço.

Atensiozamente,
Cachorro Doido

21h15 Disse ao Cachorro Doido que a carta não estava lá muito boa, e juntos escrevemos uma nova versão. (O Cachorro Doido segurou a lanterna, e eu bolei o novo texto.)

Prezados sr. e sra. Barker,

Gostaria de me desculpar por ter quebrado acidentalmente o braço do nosso querido Henry. No entanto, apesar de todos os danos sofridos por ele, ainda estou convencido de que o poupei de um acidente ainda pior, talvez até com risco de morte. Acredito que o Henry tenha entrado em pânico ao receber a bola, e por isso saiu correndo cegamente na direção da piscina. Tive de pular em cima dele antes que algo mais grave pudesse acontecer. Lamentavelmente, isso foi meio dolorido para ele.

Mais uma vez, desculpem-me.

Atenciosamente,
Charlie Hooper

P.S.: Caso Henry esteja por perto, digam-lhe para voltar o mais rápido possível. Esta escola não é a mesma na ausência dele.

O Cachorro Doido ficou muito impressionado com a nova versão. Gostou em particular do trecho sobre a piscina, que dava a entender que ele tinha salvado a vida do garoto. Ficou meio na dúvida quanto ao P.S., porque todo mundo sabia que o Lagartixa estava na enfermaria, e não em casa. Falei que se tratava de um perfeito exemplo de chantagem emocional. Mais impressionado ainda, ele prometeu que dali em diante só ia me chamar de “Crânio” e,

como agradecimento, me convidou para caçar pombos com ele às cinco da manhã. Quando fui dizer que não, muito obrigado, ele fechou a cara e eu tive muito medo. Então, falei que adorava carne de pombo, mas que estava meio gripado e minha garganta ameaçava inflamar.

A caminho da cama, o Cachorro Doido derramou um copo d'água sobre o lençol do Vern e depois acordou o dormitório inteiro; todo mundo começou a zoar o pobre do Vern enquanto ele trocava a roupa de cama. Fiquei calado e depois passei horas me sentindo culpado pela covardia de não ter saído em defesa do meu companheiro de cubículo.